
Em 5 anos, crise fez disparar o número de miseráveis

Pesquisa do IBGE mostra que havia 13,5 milhões de brasileiros na extrema pobreza no ano passado, o maior número desde o início da série histórica, em 2012. A partir da crise econômica, em 2014, aumentou em 50% o contingente no país de miseráveis, que vivem com até R\$ 145 por mês. **PÁGINA 20**

País já tem 13,5 milhões vivendo na miséria, com menos de R\$ 145 por mês

Desde 2014, quando começou a crise econômica, 4,5 milhões de brasileiros passaram a integrar a extrema pobreza

PEDRO CAPETTI E KAREN GARCIA
economia@oglobo.com.br

A gradual melhora dos índices econômicos em 2018 não foi suficiente para reduzir a extrema pobreza no país. Segundo dados da pesquisa Síntese de Indicadores Sociais, divulgada ontem pelo IBGE, no último ano, 13,5 milhões de brasileiros viviam com menos de R\$ 145 por mês. O número é o maior da série histórica, iniciada em 2012.

O levantamento mostra que, desde o início da crise econômica, em 2014, 4,5 milhões de brasileiros passaram a integrar a parcela da população em extrema pobreza — um aumento de 50% no número de miseráveis em quatro anos. Entre 2017 e 2018, foram 200 mil a mais, apontando que a retomada do crescimento não interrompeu o aumento da miséria.

Pelos critérios do Banco Mundial, são considerados extremamente pobres aqueles que vivem com até US\$ 1,90 por dia — o equivalente a cerca de R\$ 145 por mês. Entre as famílias miseráveis do Brasil, o rendimento médio em 2018 foi de R\$ 69 por mês.

Já o número de pobres, que vivem com menos de US\$ 5,50 por dia (R\$ 420 por mês) pelos critérios do Banco Mundial, diminuiu em um milhão

de brasileiros de 2017 para 2018, somando 52,5 milhões de pessoas (25,3% da população). Porém, as famílias em situação de pobreza ficaram mais pobres e, por isso, o total de miseráveis aumentou.

O crescimento da extrema pobreza nos últimos quatro anos deixa o Brasil mais distante de alcançar a meta de erradicar a miséria no país até 2030, na avaliação de especialistas. O compromisso brasileiro foi firmado em 2015, como parte da agenda brasileira dentro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), organizado pela ONU.

EM 2030, PATAMAR DE 2014

Segundo cálculos do economista **Marcelo Neri, diretor da FGV Social**, se o Brasil crescer 2,5% por ano, sem que a desigualdade aumente, em 2030 o país voltará ao mesmo patamar de extrema pobreza registrado em 2014. Naquele ano, o país tinha nove milhões nessas condições.

Neri lembra que a perda de rendimentos dos mais pobres se acentuou desde 2014. Enquanto o 1% mais rico viu os ganhos subirem 9,4% de 2014 a 2018, a renda dos 5% mais pobres caiu 40%. Um dos motivos foi o avanço da informalidade, que reduziu os salários dos trabalhadores mais pobres.

Isso explica, na avaliação dos especialistas, o predomínio de mais da metade (56%) dos extremamente miseráveis no Nordeste.

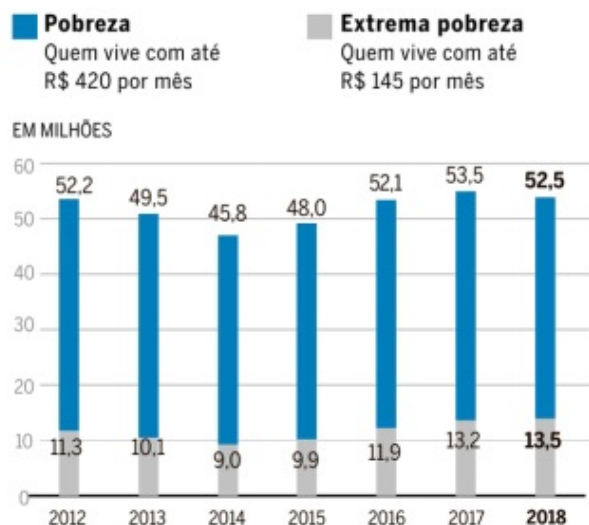
— O Nordeste tem uma mão de obra menos qualificada, que, no momento de crise, é a que tem menos mecanismos de proteção social. No curto prazo, nossa política acaba sendo o Bolsa Família. No longo prazo, temos que pensar numa perspectiva de investimentos nas áreas de educação, saúde e de qualificação de mão de obra — explica Vitor Hugo Miro, pesquisador do Laboratório de Estudos da Pobreza da Universidade Federal do Ceará (UFC).

A Síntese do IBGE permite traçar um perfil da extrema pobreza do país: majoritariamente composta por pretos e pardos (75%), com idade até 59 anos (96%) e sem instrução ou com o ensino fundamental incompleto (60%).

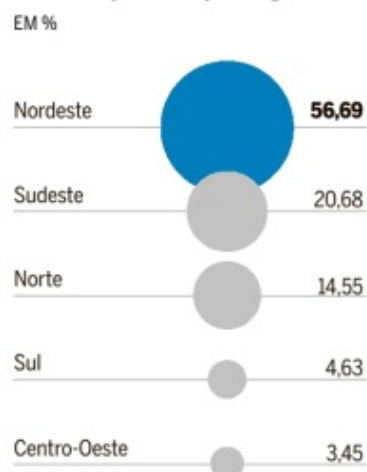
O Maranhão é o estado com maior número de pessoas na extrema pobreza (19%). Santa Catarina, por sua vez, é a unidade da federação com menos pessoas nessa situação (1,4%).

Segundo a pesquisa, 13,6% dos brasileiros em situação miserável possuíam alguma ocupação em 2018. Leonardo Queiroz Athias, analista de População e Indicadores Sociais

A SITUAÇÃO DO BRASIL

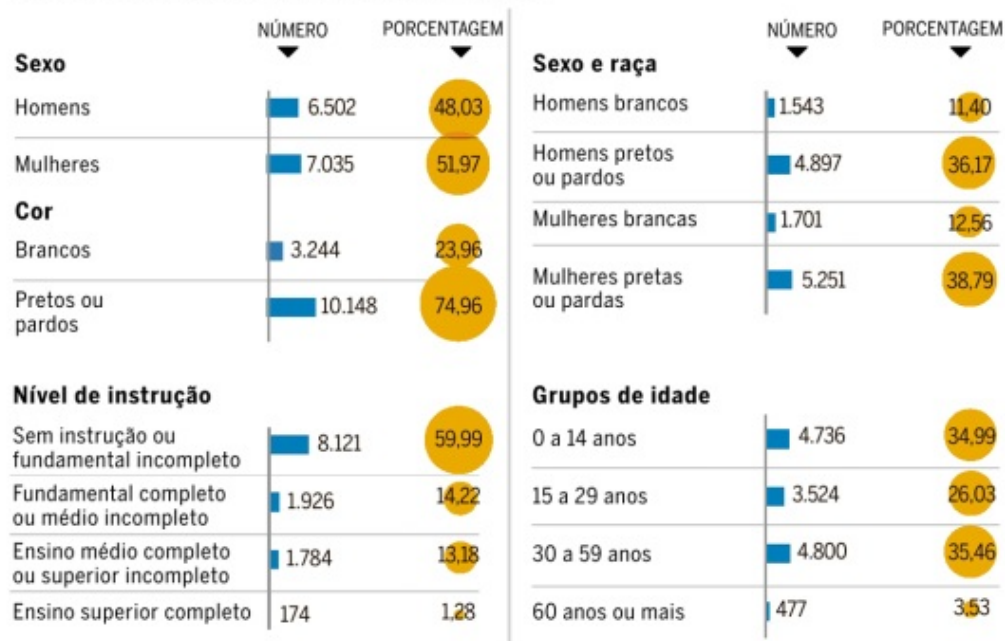


Extrema pobreza por região



PERFIL DA EXTREMA POBREZA

Pessoas (em milhões ou em %) que moram em lares com rendimento domiciliar per capita mensal inferior a R\$ 145



Fonte: IBGE

Editoria de Arte

do IBGE, ressalta, no entanto, que muitos desses vínculos eram informais, com remunerações baixas:

—(Na extrema pobreza) são pessoas que não estão sujeitas a entrar no mercado de trabalho. A melhora no mercado não atinge esse pessoal, mas quem está em uma linha mais alta de renda.

Athias lembra que o Bolsa Família, que garante R\$ 89 por pessoa mensais, não é suficiente para tirar o beneficiário da estatística de extrema pobreza estipulada pelo Banco Mundial. Segundo projeções feitas pelo IBGE, para colocar essas pessoas dentro da faixa de pobreza, seria necessário um investimento adicional de

R\$ 1 bilhão mensalmente ou de R\$ 76 por pessoa por mês.

— Como a participação do Bolsa Família na renda das famílias tem caído lentamente, de 0,8% em 2013 para 0,6% em 2018, a capacidade de reduzir a desigualdade está se tornando mais limitada — explica Luiz Henrique Paiva, pesquisador do Ipea.